

Os Sambas dos Corações Partidos

Maria Tereza Maldonado

Ilustrações

Thiago Lopes



1.^a edição

Conforme a nova ortografia

 **Editora
Saraiva**

Gerente editorial executivo: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora: Kandy Saraiva

Assistentes editoriais: Flavia Zambon / Andrea Der Bedrosian /
Patricia Pellison

Produtor editorial: Elcyr Oliveira

Suplemento de atividades: Lia D'Assis

Preparação de texto e revisão: Agência Página Três

Produtor gráfico: Rogério Strelciuc

Projeto gráfico, diagramação e capa: Estúdio Kiwi

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M211

Maldonado, Maria Tereza

Os sambas dos corações partidos / Maria Tereza

Maldonado; ilustrado por Thiago Lopes. 1.ed. – São Paulo:
Saraiva, 2015. (Coleção Jabuti)

ISBN: 978-85-02-63497-8

1. Literatura infantojuvenil. 2. Samba. 3. Patrimônio
Imaterial da humanidade. 4. Adolescência – relacionamentos. I.
Lopes, Thiago. II. Título. III. Série.

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático

1. Literatura infantojuvenil 028.5

1.ª tiragem, 2015

Saraiva Educação Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 270

CEP 05413-010 – Pinheiros – São Paulo-SP

0800-0117875

SAC De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

203087.001.001

Sumário

- 05 O museu das relações terminadas
- 19 Trabalho em grupo
- 30 Um clima desagradável
- 46 Samba antigo, desamor de sempre
- 63 Amores difíceis
- 79 Tristeza e esperança



O museu das relações terminadas

Logo depois do almoço com a avó e a irmã, Juliana terminou de arrumar a mala e a mochila, onde já havia colocado o passaporte, o cartão de crédito, alguns euros para despesas essenciais, passagens aéreas, comprovantes das reservas de hotel, celular, computador, a pequena bolsa com o material para escovar os dentes e o cabelo, maquiagem e remédios. Teve o cuidado de verificar três vezes a lista de itens, com receio de esquecer algo essencial. Estava feliz e tensa, preocupada com a hora de pegar o táxi para o aeroporto. Sua intenção era chegar antes do grupo formado por oito pessoas que ela guiaria por uma semana, durante uma viagem por algumas cidades da Croácia.

Pouco antes de terminar a faculdade de Turismo, Juliana conseguiu um estágio em uma pequena agência especializada em viagens ao Leste Europeu. Fluente em inglês, concluiu o estágio com tanta eficiência que o dono da empresa a contratou e, assim que ela se formou, a capacitou para o cargo.

— E aí, querida? Tudo certo? Muita emoção nessa viagem de

estreia como guia de turismo? — perguntou Analice ao entrar no quarto para dar um beijo carinhoso na neta.

— Ai, vovó, emoção total! Desde criança tenho esse sonho de conhecer o mundo. O mais incrível é começar pela Croácia, e não pelos países que a maioria das pessoas prefere. Mas sinto um frio na barriga só de pensar se vou conseguir resolver os problemas que normalmente surgem nas viagens. Extravio de malas, clientes insatisfeitos com os hotéis, gente desligada que perde o passaporte, guias locais incompetentes.

— Ih, relaxa, Ju, você já falou desses problemas um montão de vezes, pense que vai dar tudo certo! — amenizou Carol, que estava deitada de bruços em sua cama, observando a irmã mais velha guardar os últimos itens dentro da mala.

— Estou estressada, Carol! É normal ficar repetindo as mesmas coisas. Se não quer ouvir tudo de novo, vai para a sala!

— Calma, irmã! Estou é com inveja de você. Também quero conhecer o mundo. Vou acabar fazendo faculdade de Turismo que nem você, já que a gente não tem dinheiro pra gastar com viagens assim.

— Com doze aninhos ainda é cedo pra pensar o que você vai fazer na vida, pirralha. Você pode ser aeromoça ou até pilotar aviões. Também pode ser uma cantora famosa, rodar o mundo com sua banda, quem sabe? Sossegue, não estou zangada, é o estresse da viagem — Juliana deu uma piscadinha para a irmã.

O telefone tocou; avisavam que o táxi já estava na portaria do prédio. Juliana colocou a mochila nas costas, pegou a mala e se despediu da avó e da irmã.

— Que Deus te proteja, queridinha, e lembre-se de dar notícias! — pediu Analice, abraçando a neta com carinho.

— Dê um beijão na mamãe quando ela chegar do trabalho, vó! Vou ligar pra ela assim que entrar no táxi.



Juliana calculara bem o tempo: foi a primeira a chegar e a fazer o *check-in* para Frankfurt. Quando chegasse, teria de procurar a companhia croata para o voo de conexão que levaria o grupo até Zagreb, a capital da Croácia, local da primeira visita.

As oito pessoas do grupo chegaram pouco a pouco: dois casais, três mulheres e um homem sozinho. Felizmente, não houve atrasos. Pelas conversas iniciais, Juliana percebeu que todos eram viajantes experientes, curiosos para visitar países menos populares. As três mulheres, na faixa dos 50 anos, eram amigas que adoraram passear juntas, o homem solitário viajava com a esposa, mas passou a ir sozinho quando enviuvou. “Menos mal, pelo menos não tem ninguém virgem de viagens como eu” — pensou Juliana.

Apesar do pequeno atraso, motivado pelo intenso tráfego aéreo, o voo para Frankfurt foi tranquilo. Ao desembarcar, Juliana se impressionou com a imensidão do aeroporto. As quatro horas de espera pela conexão com Zagreb deram ao grupo tempo suficiente para encontrar o local de embarque, almoçar um bom prato de salchichas alemãs com salada de batata e chucrute, e olhar as vitrines de dúzias de lojas nos gigantescos corredores do aeroporto.

Apesar de o avião para Zagreb ser menor e menos confortável, o voo só duraria uma hora e meia. Com a diferença de cinco horas a mais em relação ao fuso horário do Brasil, o grupo chegou ao destino ao anoitecer, com tempo somente para jantar no próprio hotel e descansar poucas horas antes dos passeios na manhã seguinte. Alguns do grupo reclamaram da qualidade da comida e Juliana ponderou que não adiantaria falar com o gerente, porque, logo após o café da manhã, embarcariam já com as malas em um micro-ônibus para fazer os passeios e prosseguir viagem para a cidade seguinte, depois do almoço no centro de Zagreb.

Assim que entrou no quarto, Juliana enviou uma mensagem à irmã, pedindo que avisasse à avó e à mãe que havia chegado bem.

Comunicou-se também com seu chefe para dar notícias, respondeu mensagens pendentes, olhou rapidamente as novidades da rede social, tomou um banho quente para relaxar do cansaço e se preparou para dormir. Mas o sono demorou a chegar: Juliana estava empolgada com sua primeira viagem internacional e, ao mesmo tempo, assustada com a responsabilidade de garantir que os clientes ficassem totalmente satisfeitos com a experiência.

Às 7h30 da manhã seguinte, Juliana verificou com um funcionário do hotel a lista dos quartos em que estavam as pessoas do grupo, e pediu que ele recolhesse as malas que já haviam sido deixadas do lado de fora. Aos poucos, as pessoas chegaram para o café da manhã. Algumas estavam bem sonolentas, sentindo a diferença de fuso horário. Às nove em ponto, o guia local chegou falando português com erros como “nós *vai* visitar essa bela cidade *turista*” e avisando que o grupo poderia entrar no micro-ônibus para dar início ao *city-tour*. Ao se apresentar, o guia esclareceu ao grupo que era brasileiro, e estava em Zagreb havia dois anos. Havia ido para lá contratado como jogador de futebol. Mas teve problemas com o técnico do clube e passou a trabalhar como guia. Sem tempo para uma visita mais longa, passaram pelo Mímará Museu de Arte, pela Ópera de Zagreb, e pararam para dar um passeio por uma rua cheia de cafeterias. Antigamente, nessas casas trabalhavam prostitutas, que faziam poses sensuais nas varandas dos sobrados para atrair clientes. Na mesma rua, havia ainda uma estátua da primeira jornalista croata. Em seguida, passaram pela Virgem da Porta de Pedra, um santuário com um belo portão de bronze, cujo interior abrigava um grande número de ex-votos incrustados em uma parede de pedra.

Pelas ruas, observaram muitos prédios antigos em mau estado de conservação, inteiramente pichados, assim como os monumentos, fato que chamou a atenção do grupo. O guia local

esclareceu que as pichações não são punidas, pois os croatas as consideram manifestações da liberdade de expressão.

Por fim, desembarcaram na Praça de São Marcos, a maior do país, cuja igreja tem um telhado de cerâmica com o desenho da bandeira da Croácia. O guia local avisou que todos deveriam sair do micro-ônibus para caminhar pela praça e pelas ruas da cidade antiga e retornar dali a três horas para o almoço. Indicou dois museus, um em frente ao outro, próximos à praça. A visitação começou pelo Museu Croata de Arte *Naif*.

— Li algumas coisas interessantes sobre esse museu. Minha mulher apreciava arte *naif*: ela iria adorar estar aqui pra ver — comentou Carlos Eduardo, o vi vo, com os olhos cheios d’ gua.

— Então conta pra gente o que você descobriu — encorajou Regiane, uma das três amigas.

—   o primeiro museu do mundo sobre arte *naif*, também chamada de arte primitiva ou ing nuo. O acervo desse lugar tem cerca de 1.600 obras com desenhos e pinturas de cenas da vida rural retratadas por camponeses, trabalhadores, homens e mulheres do povo que não frequentaram escolas de arte. Eles simplesmente pintavam com o cora o. Alguns, como os que vamos ver aqui, eram tão bons que se profissionalizaram como artistas e ficaram famosos.

— O que mostra que pessoas comuns podem criar arte de boa qualidade, mesmo sem qualquer tipo de forma o acad mica — refletiu Marisa, a mulher de um dos casais. Entusiasmado, Roberto, o marido dela, comentou:

— E alguém a  conhece o Museu de Arte *Naif*, no Rio de Janeiro? Nós moramos no bairro onde fica o museu. Sempre que recebemos amigos ou parentes de outros estados vamos até lá.   a maior cole o do mundo, com cerca de 6.000 trabalhos de artistas brasileiros e de outros países. Aqui, vamos ver o mais antigo; l , temos o maior!